

Aço em flor

UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

REITORA Sandra Regina Goulart Almeida

VICE-REITOR Alessandro Fernandes Moreira

EDITORA UFMG

DIRETORA

Carla Viana Coscarelli

VICE-DIRETORA

Camila Augusta Pires de Figueiredo

CONSELHO EDITORIAL

Carla Viana Coscarelli (PRESIDENTE)

Ana Carina Utsch Terra

Angelo Tadeu Caetano

Camila Augusta Pires de Figueiredo

Élder Antônio Sousa e Paiva

Emília Mendes Lopes

Ênio Roberto Pietra Pedroso

Henrique César Pereira Figueiredo

Kátia Cecília de Souza Figueiredo

Lívia Maria Fraga Vieira

Luciana Monteiro de Castro Silva Dutra

Luiz Alex Silva Saraiva

Marco Antônio Sousa Alves

Raquel Conceição Ferreira

Renato Assis Fernandes

Ricardo Hiroshi Caldeira Takahashi

Rita de Cássia Lucena Velloso

Rodrigo Patto Sá Motta

Weber Soares



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

REITOR Antonio José de Almeida Meirelles

COORDENADORA GERAL DA UNIVERSIDADE

Maria Luiza Moretti

EDITORA DA UNICAMP

CONSELHO EDITORIAL

Edwiges Maria Morato (PRESIDENTE)

Carlos Raul Etulain

Cicero Romão Resende de Araujo

Frederico Augusto Garcia Fernandes

Iara Beleli

Marco Aurélio Cremasco

Maria Tereza Duarte Paes

Pedro Cunha de Holanda

Sávio Machado Cavalcante

Verónica Andrea González-López

FABRÍCIO MARQUES

Aço em flor

A poesia de Paulo Leminski

Nova edição, revista e aumentada

(EDITORAufmg)

EDITORIA
UNICAMP

© 2024, O autor

© 2024, desta edição Editora UFMG e Editora da Unicamp

Este livro, ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita dos Editores.

M357a Marques, Fabrício, 1965-

Aço em flor : a poesia de Paulo Leminski / Fabrício Marques. -
Nova ed. rev. e aum. - Belo Horizonte : Editora UFMG; Campinas,
SP : Editora da Unicamp, 2024.

200 p. : il.

Originalmente apresentada como dissertação junto à Universidade
Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, em 1996.

Inclui bibliografia.

ISBN (Editora UFMG): 978-65-5858-120-8

ISBN (Editora da Unicamp): 978-85-268-1635-0

1. Leminski, Paulo, 1944-1989 - Crítica e interpretação
2. Poesia concreta brasileira (Arte). I. Título.

CDD: B869.15

CDU: 82

Elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390

EDITORA UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 - CAD II / Bloco III

Campus Pampulha - CEP 31270-901 - Belo Horizonte / MG

Tel.: + 55 31 3409-4650

www.editoraufmg.com.br - editora@ufmg.br

EDITORA DA UNICAMP

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 - 3º andar

Campus Unicamp - CEP 13083-859 - Campinas / SP

Tel.: + 55 19 3521-7718 / 7728

www.editoraunicamp.com.br - vendas@editora.unicamp.br

Aos meus pais,
Diocélio Marques (*in memoriam*) e Celeste Fraga.

SUMÁRIO

Primeiras palavras 11

Prefácio

COM QUANTOS PAULOS
SE FAZ UM LEMINSKI 13

Maria Esther Maciel

Capítulo 1

O ANARQUITETO DE
DESENGENHARIAS 19

A aventura radical de Paulo Leminski 34

Capítulo 2

FACES DE LEMINSKI 45

A pluralidade de mundos possíveis 45

Convergências com Bashô e o haikai 49

O Grande Presente 57

Convergências com Torquato

Neto e a Tropicália 62

Convergências com a poesia concreta 72

Poesia e informação 74

Do carvão da vida ao diamante do signo 77

Ler, desler, contraler: convergências

com Augusto de Campos 80

Convergências com a publicidade 88

Capítulo 3

UMA VIVÊNCIA DE DESPAISAMENTO	97
Sentimento de <i>not-belonging</i>	97
Panorâmica	104
O inútil indispensável	112

Capítulo 4

DO RIGOR PARA O ACASO	117
Performances do acaso	118
O arquissema acaso	128
Lance de dados	132
O poeta é um brincador	135

Capítulo 5

DO ACASO PARA O RIGOR	141
Rumo ao sumo	141
Logopeia: o poema como jogo do pensamento	147
Bushidô: o poeta é um guerreiro	153

Capítulo 6

PAIXÃO DO RIGOR, JOGOS DO ACASO	157
Abertura	158
Arquitetura da leveza	160
O caminho suave	163
Sentimento de exatidão	165
Precisa surpresa	169

APÊNDICES

APÊNDICES	173
Leminski além-fronteiras: entrevista com Mario Cámara	173
Cronologia: vida e obra	179

REFERÊNCIAS

183

PRIMEIRAS PALAVRAS

Este ensaio tem como ponto de partida uma dissertação de mestrado apresentada em 1996 ao curso de pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG. A pesquisa foi orientada pela professora Maria Zilda Ferreira Cury e realizada com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação do Ministério da Educação (MEC), quando ainda não havia nenhuma tese de doutorado e apenas quatro dissertações de mestrado sobre Paulo Leminski nas universidades brasileiras. Ele é, portanto, um dos estudos pioneiros sobre o autor.

Quase 30 anos depois, até dezembro de 2023, o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes listava 130 trabalhos acadêmicos *stricto sensu* relacionados a esse autor, sendo 93 dissertações e 37 teses.

Em 2000, foi aprovado um projeto com apoio da Lei de Incentivo à Cultura da Prefeitura de Belo Horizonte para publicação de uma versão do ensaio, excluindo algumas partes e acrescentando outras, como o capítulo inicial, “O arquiteto de engenharias”, escrito depois de uma visita a Curitiba, em outubro daquele ano. *Aço em flor: a poesia de Paulo Leminski* saiu pela editora Autêntica, em 2001.

Agora, nesta nova edição, revista e aumentada, são acrescentados três textos: o inédito “A aventura radical de Paulo Leminski” aparece no final do capítulo “O anarquitecto de desengenharias”; “Ler, desler, contraler: convergências com Augusto de Campos”, publicado no *Suplemento Literário de Minas Gerais* (edição 1.338, de 2011), e “Convergências com a publicidade”, que está no livro *A linha que nunca termina: pensando Paulo Leminski* (org. André Dick e Fabiano Calixto, Lamparina, 2005), são incorporados ao capítulo “Fases de Leminski”. Além disso, a edição inclui o texto “Leminski além-fronteiras”, uma entrevista com o ensaísta argentino Mario Cámara, tradutor do poeta, publicada em versão menor no jornal *O Tempo*, de Belo Horizonte, em 2009, bem como uma cronologia de vida e obra do poeta.

Agradeço a Alice Ruiz, Aurea Leminski e Estrela Leminski; e também a Bernardo Maranhão, Elson Fróes, Flavio Carsalade, Guilhermino Domiciano, Jaques Brand, Marcelo Sandmann, Maria Esther Maciel, Maria Zilda Ferreira Cury, Mário Alex Rosa, Mario Cámara, Paulo Franchetti, Rafa Belúzio, Régis Bonvicino, Ricardo Corona, Rodrigo de Souza Leão (*in memoriam*), Rosana Cavalcanti de Albuquerque, Silvana Guimarães e Tarso de Melo.

PREFÁCIO

Com quantos Paulos se faz um Leminski

Paul Valéry dizia que o poeta se consagra e se consome em construir uma linguagem dentro da linguagem. Tal proposição, contudo, não seria suficiente para definir o ofício poético de Paulo Leminski, um poeta que, sem se furtar às exigências da construção, soube extrair uma linguagem também da experiência, do agora de sua própria realidade. Entre o rigor e o vigor, a exatidão da forma e a descompressão do verso, ele se deu a liberdade de não definir um caminho, mas inventar inúmeras vias para o exercício criativo da palavra.

Pode-se dizer que no presente estava a principal matéria de sua poesia. Um presente concebido não apenas como o topos privilegiado do hoje, mas também como ponto de interseções temporais. Espaço onde se inscrevem tanto a memória do mundo quanto o registro imediato das coisas cotidianas. Onde tradições e dicções distintas se encontram, se negam e se afirmam em pluralidade. Isso porque o agora de Leminski já não é mais o dos pactos coletivos em torno de uma estética comum, programada, mas o tempo de procura de uma outra voz.

Tempo também do compromisso do artista com seu próprio contexto político-social e com a necessidade de reinventá-lo. Dessa matéria-prima do presente Leminski soube extrair uma poesia múltipla, em diálogo com as várias vozes poéticas de seu tempo. E a partir dela, afirmou-se como um dos poetas brasileiros mais instigantes de sua geração, que, sem se confinar em qualquer grupo ou tendência dos anos 1970 e 1980, manteve uma relação dialógica com o legado modernista, com a poesia concreta, com o tropicalismo e com as várias vertentes da poesia pós-vanguarda. E mais: que soube conjugar a poesia com outras atividades de escrita, como o ensaio, a tradução e a prosa.

Fabrício Marques, em *Aço em flor: a poesia de Paulo Leminski*, explora exatamente essa multiplicidade do poeta, ou melhor, as “faces poliédricas” de sua poesia. Longe de tentar classificar a obra leminskiana ou esterilizá-la através de jargões academicistas, prioriza o jogo de que ela se constrói, flagrando-a em seus pontos de tensão e vitalidade. Seguindo um viés crítico sem rigidez, mas com rigor, Fabrício põe também em prática a sua própria veia de poeta, atento às exigências da própria sensibilidade no ato crítico da leitura. Nesse sentido, faz uma leitura prismática, fluida, da poesia leminskiana, sem aprisioná-la em teorias preestabelecidas ou domesticá-la pela lógica do “isto ou aquilo”. Delineia, portanto, para seus leitores, um retrato móvel e multifacetado do poeta curitibano. Aliás, um dos grandes méritos de seu trabalho é evidenciar como, não obstante as múltiplas vozes que se entrecruzam em sua poesia, Leminski soube construir uma dicção própria, que, simultaneamente, funciona como confirmação e negação dessas alteridades incorporadas.

Ao se propor a estudar cada uma das faces da poesia leminskiana, distribuídas no trabalho em quatro grandes linhas de força (concisão, informação, invenção e consciência semiótica), Fabrício Marques as coloca em relação dialógica, não deixando, contudo,

de reconhecer que elas não explicam ou esgotam a complexidade que essa poesia apresenta. Antes, porém, de se deter de maneira mais concentrada em cada uma dessas linhas e no “a mais” que as constitui, Fabrício faz um necessário mapeamento da vida intelectual do poeta e do contexto em que ele atuou, situando a sua poesia no cenário do final do século XX e atribuindo a ela uma “função libertadora” em relação aos dogmas poéticos vigentes.

Com desenvoltura e sem se furtar ao “impulso lúdico” que a poesia leminskiana requer de seus leitores, Fabrício trata, no primeiro capítulo, das confluências do poeta com a poesia oriental (mais especificamente com os haicais de Bashô), com Torquato Neto, com a Tropicália e, como não podia deixar de ser, com a poesia concreta. No enfoque da filosofia (ou antifilosofia) Zen que atravessa a poesia leminskiana em seu diálogo com as formas breves da poesia japonesa, concentra-se precisamente na questão do “aqui-agora”, o tempo poético da “consagração do instante”. A isso acrescenta considerações pertinentes sobre os vários aspectos desse vínculo do poeta com o Oriente: a força do guerreiro-samurai, o exercício da síntese e do silêncio, a experiência da concentração e do desprendimento, o jogo móvel dos contrários. Já o Leminski tropicalista é tratado de forma mais pontual: Fabrício traça uma história concisa e bem articulada do movimento, mostra os vínculos do poeta curitibano com as propostas libertárias do grupo, com a irreverência antropofágica de Torquato e com as “solicitações da contracultura”. A invenção contaminada pela cor, pela força do coloquial, pela vitalidade da rebeldia. Elementos que o poeta soube conjugar ainda com os ensinamentos de rigor da poesia concreta, visto o diálogo profícuo e criativo que manteve com as propostas formais do concretismo brasileiro. Fabrício se ocupa desse ponto no final do primeiro capítulo, marcando o que de novidade o poeta extraiu dessa interlocução.

Muitas outras articulações são feitas ao longo do trabalho. A que se refere às similitudes dissonantes entre Leminski e Cabral revela, em detalhes, o jogo entre o rigor e o acaso que constitui a poesia leminskiana, através do qual a lucidez poética se abre também para os improvisos da imaginação, para a surpresa. Uma lucidez contaminada pela impureza da experiência, da vida de cada dia. E que, portanto, se encontra na ordem do paradoxo. De todas essas aproximações e entrecruzamentos Fabrício extrai vários Leminski: o “samurai malandro”, o “parnasiano chic”, o “guerreiro lúdico”, o “anarquitecto de desengenharias”. Um rima, às vezes, “tanto com faz”; outro rima, quase sempre, “ando com quando”. Um luta com as palavras. Outro ri delas e de si mesmo. Há ainda o que faz do óbvio o nunca visto, o que está no meio, no dentro, no quase. O que sabe ser claro sem deixar de ser raro.

A parte intitulada “Uma vivência de despaisamento” é a meu ver um dos pontos altos do trabalho. Nela, Fabrício brinda o leitor com um interessante ensaio sobre a condição atópica do poeta no mundo das utilidades. Retomando o velho embate baudelairiano entre a poesia (entendida como um indispensável inutensílio) e a sociedade mercantilizada do mundo moderno, explora os vários aspectos desse confronto. Faz, através disso, uma urgente e necessária defesa da poesia ou do que chama de “ideologia poética” (na verdade, uma anti-ideologia), vista como uma força capaz de desafiar este tempo de uso e usura.

A Leminski é atribuída uma atitude de rebeldia com relação a essa ordem, de oposição à “ditadura da utilidade”, na medida em que sua poesia se faz “de uma substância rebelde à transformação em mercadoria” e adquire, portanto, uma função política. Como explica o próprio Leminski, em citação feita por Fabrício: “uma política profunda, que é crítica da própria política, enquanto modo limitado de ver a vida”.

Se acompanhar o poeta curitibano em sua pluralidade cambiante é o grande desafio para os estudiosos de sua obra, dadas as várias entradas que oferece e as bifurcações de que é construída, Fabrício Marques, entretanto, não se intimidou: munido de lucidez crítica e sensibilidade poética, aceitou o desafio e mostrou aos seus leitores com quantos Paulos se faz um Leminski.

Maria Esther Maciel

Capítulo 1

O ANARQUITETO DE DESENGENHARIAS

O escritor Paulo Leminski foi enterrado ontem de manhã no cemitério de Água Verde, em Curitiba. O enterro estava marcado inicialmente para as 17 horas, mas foi antecipado para as 11. Ao som da música “Valeu”, que Leminski compôs com Paulinho Boca de Cantor, cerca de cem pessoas prestaram a última homenagem.

Paulo Leminski morreu às 22 horas de quarta-feira [no dia 7 de junho] no Hospital Nossa Senhora das Graças e foi velado na capela da Reitoria da Universidade Federal do Paraná. Ele tinha sido internado na terça-feira, com cirrose hepática, apresentando também um quadro de hemorragia no esôfago. Passou o dia em estado de coma e à noite o estado de saúde agravou-se, tornando-se irreversível.

Foi desse modo que *O Estado do Paraná* registrou a morte do poeta Paulo Leminski, na edição de 9 de junho de 1989, uma sexta-feira (ela aconteceu no mesmo dia em que morria, no Rio de Janeiro, a cantora Nara Leão). Nascido em Curitiba em 24 de agosto de 1944, o autor viveu apenas 44 anos, mas produziu com uma intensidade que rivalizava com a urgência da vida que propôs para si, em que todas as coisas interessavam, mas sempre na perspectiva primeira da poesia – era visceralmente poeta. No entanto, era preciso mais, e um apetite feroz levou-o a deslocar-se por diversos gêneros – romance, conto, crônica, biografia, ensaio, letra de música.

Não se faz nada de bom sem entusiasmo. E isso Paulo Leminski tinha de sobra, bem como doses fartas de excesso e vigor intelectual e criativo. Um defensor da ligação da poesia e da vida em grau máximo. Alguém com um sentido de urgência – “uma pressa de viver como quem morre”, como definiu Alice Ruiz, presença fundamental na vida do poeta. Com ele, não havia meio-termo: era poeta 24 horas por dia, sem intervalos. A poesia era seu tesouro, uma das fontes de seu prazer. Por ela e para ela, poderia assinar aquele verso de Carlos Drummond de Andrade: “é toda a minha vida que joguei”.¹

Se em vida o poeta já recebia reconhecimento, a passagem do tempo só cristalizou a presença de sua obra na cena artística e cultural do país. São recorrentes as pautas motivadas por efemérides como os dez anos de sua morte, em 1999, quando jornais, revistas e suplementos culturais (*Monturo, Medusa, Range Rede, Suplemento Literário de Minas Gerais*, entre outros) dedicaram dossiês e cadernos especiais ao poeta curitibano. Sua obra também desperta o interesse de teses universitárias e publicação de estudos. Homenagens do poder público vêm em forma de nomes de rua, de biblioteca e de espaços culturais – a Pedreira Paulo Leminski, maior palco a céu aberto da América Latina, em Curitiba.

¹ Verso de “Consideração do poema”, que está em *A rosa do povo*, de 1945 (Andrade, 1989, p.7).